

O PAPEL DA EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

THE ROLE OF EDUCOMMUNICATION IN THE SCHOOL CONTEXT
IN TIMES OF COVID-19 PANDEMIC

Pedro Júlio de Castro Filho

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
jcastrinho14@gmail.com

Amaurícia Lopes Rocha Brandão

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)
amauricialopes.prof@gmail.com

Samiles Vasconcelos Cruz Benedito

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)
samilescruz@gmail.com

RESUMO

As ferramentas tecnológicas e educacionais constituem-se como importantes aliadas dos professores para proporcionar o ensino aos alunos, favorecendo mais caminhos nesse momento com tantas restrições. Desse modo, o objetivo deste estudo foi compreender o papel da educação e das tecnologias digitais no contexto escolar no cenário de pandemia de Covid-19. A partir deste estudo foi possível verificar que, embora os avanços tecnológicos se tornaram possíveis no ensino e estão a dispor das escolas, muitos obstáculos emergem a partir disto como, por exemplo, o acesso a estas ferramentas por parte dos alunos e o despreparo, em muitas situações, de professores para manusear e extrair destas ferramentas o potencial para suas aulas. Embora existam esses obstáculos, é inegável o quanto a educação e as tecnologias digitais podem ajudar as escolas a desenvolver um ensino com mais qualidade mesmo em um cenário tão delicado quanto este.

Palavras-chave: Educação. Ensino básico. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

Technological and educational tools are important teachers' allies to provide teaching to students, favoring more paths at this time with so many restrictions. Thus, the aim of this study was to understand the role of education and digital technologies in the school context in the Covid-19 pandemic scenario. From this study it was possible to verify that, although technological advances have become possible in teaching and are available to schools, many obstacles emerge from this, such as, for example, access to these tools by students and unpreparedness, in many situations, from teachers to handle and extract from these tools the potential for their classes. Although these obstacles exist, it is undeniable how much education and digital technologies can help schools to develop higher quality teaching even in such a delicate scenario.

Keywords: Education. Basic education. Digital technologies.

Introdução

São notórios os efeitos que a pandemia de Covid-19, causada pelo novo Coronavírus, trouxe desde sua ocorrência no território brasileiro no início de 2020 em várias instâncias, inclusive na educação. Trata-se de uma pandemia cujo crescimento precisa ser controlado principalmente através de medidas sanitárias e de distanciamento social, impulsionando a obrigatoriedade de as escolas não funcionarem de maneira presencial.

Essa medida fez com que as escolas passassem a atuar de forma diferente do que de costume, por meio de veículos digitais, especialmente através das ferramentas de comunicação digitais como as redes sociais e as plataformas virtuais para continuarem promovendo o ensino aos alunos. Entretanto, é importante evidenciar que o aparecimento desta doença se deu em um momento que a educação brasileira não se encontrava preparada para lidar com uma nova perspectiva de ensinar, quer seja através da preparação de professores e demais profissionais sobre as ferramentas digitais, quer seja através das metodologias, dos recursos e dos fatores limitantes dessa prática.

Por mais que haja o consenso que as tecnologias na educação e a educomunicação sejam temas amplamente conhecidos, discutidos e trabalhados na literatura, com forte potencial para aperfeiçoar e ampliar as aulas, a realidade ainda demonstra um contexto agravante, em que muitos docentes não dominam ou não sabem lidar com tais ferramentas, fruto de fatores como o aperfeiçoamento docente, a disponibilidade de tempo, as condições e recursos, a oferta de cursos relacionados, dentre outros.

Não é novidade que a escola deixou de ser o único provedor de conhecimento aos alunos, pois as novas tecnologias digitais, cada vez mais acessíveis, se fortalecem na rotina das pessoas através da grande influência da mídia, tornando-se quase impossível desassociá-las no processo de ensino-aprendizagem e inovação das práticas pedagógicas escolares, como forma de potencializar o ensino. No entanto, é importante frisar que o quadro que se revela nesse momento pandêmico, em grande maioria, são de professores e demais profissionais tentando correr contra o tempo para se aprimorar quanto às novas tecnologias e recursos digitais disponíveis para propiciar aos alunos um ensino com mais qualidade, ao mesmo passo que precisam planejar aulas, elaborar avaliações e resolver questões burocráticas, que são tarefas que também requerem tempo e disposição.

Nunca a educomunicação se fez tão necessária quanto no período que se alastra a pandemia, servindo como alternativa valiosa para que o ensino continue sendo proporcionado nas escolas, em todos os níveis. Além disso, outro aspecto importante que a educomunicação pode proporcionar é a motivação e a dinamização, tornando a experiência das aulas mais prazerosas e instigantes aos alunos, estimulando-os para o conhecimento, articulados pelo professor. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi compreender o papel da educomunicação e das tecnologias digitais no contexto escolar no cenário de pandemia de Covid-19.

O cenário de pandemia de Covid-19 e as adaptações do ensino básico

A expansão das tecnologias de informação e comunicação digitais permite a consolidação da cultura digital e, além de promover mudanças socioculturais, econômicas e políticas com essas transformações, muitas tarefas podem ser realizadas de forma remota, por meio da utilização de ferramentas de interação que possibilitam a imersão no contexto global (DEMO, 2009).

Os dispositivos tecnológicos e digitais trazem como uma de suas principais consequências, o acesso (nem sempre ilimitado) à informação produzida por fontes confiáveis, mas também de informações falsas (*fake news*). Pesquisadores e profissionais da educação assumem pesquisas e debates sobre a necessidade de um sistema educacional capaz de motivar o discente ao processo de ensino-aprendizagem (KENSKI, 2012).

A utilização de tecnologias em sala de aula promove uma aprendizagem relacionada à práxis, permitindo que o conhecimento seja aplicado ao cotidiano, ao invés de apenas transmitido. Para Paulo Freire, comunicação e educação são indissociáveis, e assim, esta deve acontecer por meio de diálogo, já que este processo não corresponde apenas a “transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p. 69).

O acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo, digitais em sala de aula permite flexibilizar o ensino escolar em múltiplos formatos (presencial, remoto, à distância e híbrido). Nesse sentido, o ensino distanciasse do modelo conteudista, criando oportunidades de flexibilidade, compartilhamento, personalização e desenvolvimento de atividades práticas, por meio da utilização de tecnologias digitais. Insere-se na sala de aula, que vai perdendo a definição de espaço físico, uma educação ativa que contribui para o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais aos discentes (MORAN, 2017).

Entretanto, tais transformações se tornaram evidentes, apenas após as restrições das atividades presenciais, medida necessária para amenizar a crise sanitária ocasionada pela pandemia de Covid-19, a partir de março de 2020 no Brasil. Com isso, a sociedade brasileira percebe a conexão que já existe entre os meios presencial e virtual, assim como os impactos e mudanças no ambiente laboral, escolar, lazer, dentre outros.

No contexto escolar, ao mesmo tempo que o ensino presencial se alterna entre remoto e híbrido, estes não podem ser confundidos como iguais e, sobretudo, equivalentes ao ensino a distância. Para Hack (2011), o Ensino a Distância (EaD) caracteriza-se pela separação física entre docente-discente, mas que interagem pela utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC). De acordo com Preti (2009), o ensino a distância atende a evolução estrutural das escolas e universidades para atender as novas exigências educacionais e a crescente demanda da classe trabalhadora que almeja qualificar-se e obter conhecimentos científicos e tecnológicos.

Esse formato de ensino é regulamentado pelo Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, cujo artigo 1º afirma que:

caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2017, p. 1).

No caso do ensino remoto, este surge como solução emergencial para a continuidade do ano ou semestre letivo com realização de atividades de maneira síncrona e assíncrona, adequando-se ao atendimento das necessidades dos usuários envolvidos neste processo. Por tratar-se algo recente, a literatura educacional e científica sobre o tema ainda está sendo construída. O termo remoto significa que discentes e docentes estão em locais diferentes, isolados por meio de medidas de distanciamento, tratando-se como emergencial nesse contexto, uma vez que o uma situação inesperada provocou mudanças no calendário e nas metodologias a serem aplicadas no ano letivo (BEHAR, 2020).

Além disso, as atividades pedagógicas não presenciais (APNP) não devem ser, portanto, consideradas como modalidade ensino, uma vez que se constituem como alternativa para a manutenção do processo de ensino e aprendizagem até pouco tempo realizado na modalidade presencial (IFRN, 2020). No ensino remoto emergencial, as aulas ocorrem de forma síncrona, embora alguns docentes também possam optar pelas aulas assíncronas, quando insere uma aula gravada anteriormente. Diferente do ensino a distância, no ensino remoto as aulas possuem similaridades com o ensino presencial, uma vez que o processo ocorre por meio de webconferência e seguem ao calendário acadêmico definido (IFCE, 2020).

Com as alterações do decreto e dependendo da incidência de casos, algumas instituições adotaram o ensino híbrido, definido como a convergência entre os modelos presencial e *online*, tratando-se de uma metodologia que amplia o processo de ensino-aprendizado, tornando-o mais personalizado e focado nas dificuldades e interesses dos discentes, que poderá ter um acompanhamento mais voltado para as características individuais, centrando a dinâmica educacional no aprendiz (BACICH; NETO; TREVISANI, 2015). Neste modelo, o professor exerce o papel de dinamizador do processo de ensino-aprendizagem, por meio das plataformas digitais, em que estabelece uma relação fundamental, uma vez que sem um guia ou tutorial, a qualidade das interações e as produções alcançadas se enfraqueceriam (AGUADED; LÓPEZ; ALIAÑO, 2015).

Arnett, pesquisador do sênior do Instituto Clayton Christensen, em entrevista para a Revista Nova Escola, defende que o ensino híbrido, ao centralizar o aluno no processo de ensino-aprendizado, possibilita a construção de modelos educacionais mais próximos da equidade. Ainda destaca que “se os modelos de aprendizagem centrados no aluno não forem formados com desenhos equitativos, eles continuarão permitindo que os alunos que estão nas margens caiam pelas rachaduras [do sistema]” (YOSHIDA, 2020).

Procedimentos metodológicos

A abordagem metodológica desta pesquisa se configurou como qualitativa, uma vez que teve como foco revelar os mistérios que permeiam o cotidiano escolar, identificando processos que muitas vezes passam despercebidos, em decorrência de já fazerem parte deste cotidiano (NEVES, 2015).

Esta pesquisa classificou-se também como de caráter exploratório, no que se refere aos seus objetivos, por buscar maior proximidade ao objeto de estudo, permitindo compreender as ocorrências de determinado fenômeno, no intuito de identificar os fatores que determinam ou contribuem para estas ocorrências (GIL, 2017). Nesse sentido, entende-se que a pesquisa exploratória “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (SEVERINO, 2007, p. 123)

Quanto aos procedimentos técnicos adotados, caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica, pois concentra-se no estudo sobre um material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. A maioria dos estudos exploratórios é desenvolvida a partir de fontes bibliográficas e são importantes para o surgimento de novos caminhos para as pesquisas empíricas (GIL, 2017). A pesquisa bibliográfica tanto pode ser um estudo independente como constituir-se no passo inicial de outra pesquisa, já que todo trabalho científico pressupõe uma pesquisa bibliográfica preliminar (ANDRADE, 2017).

Procurou-se realizar um levantamento de dados e informações, com o intuito de identificar, coletar e agregar o que se tem produzido em termos de ciência e de debates relacionados com as tecnologias digitais no contexto escolar em tempos de pandemia. Além disso, vale ressaltar que, no atual cenário de pandemia, várias discussões e eventos estão sendo desenvolvidos de forma virtual através de *lives*/palestras, rodas de conversa, conferências em aplicativos, dentre outros, servindo também como fonte para obtenção de dados.

A implementação da educomunicação no contexto escolar

A educomunicação é um campo investigativo que permeia as ciências da Educação e da Comunicação, e propõe uma intervenção a partir da educação para e com a mídia. A educomunicação é um paradigma que norteia ações inovadoras entre essas duas áreas de estudo e nesse cenário atual de pandemia, apresenta-se como uma ferramenta que possibilita o protagonismo neste processo de ensino e aprendizagem com criticidade e superação (BRITO; SENRA; LUIZ, 2020).

De acordo com Rosseto (2015), as primeiras iniciativas no âmbito da educomunicação na América Latina ocorreram em espaços não formais de educação, tendo como “criador” do termo educuidador, o argentino Mario Kaplún, sendo utilizado para designar o ator social que promove uma educação comunicativa. Suas concepções tiveram como base as ideias norteadoras de Paulo Freire. Jesús Martín-Barbero é outro nome influente no campo da educomunicação, o pesquisador colombiano, “postulou que a recepção dos conteúdos produzidos pela indústria cultural sofre uma série de mediações, na medida em que o receptor é afetado pelas relações sociais e pela sua própria subjetividade para dar significado aos bens simbólicos” (ROSSETO, 2015).

Soares (2014), aponta que alguns estudiosos consideram a educomunicação como um sinônimo de educação diante dos meios de comunicação; outros, como prática mais moderna da educação midiática.

No contexto sala de aula *online*, as práticas educuidativas mesclam distintas ferramentas comunicacionais como o vídeo, a fotografia, o áudio e os textos online, como também a utilização de *podcasts* (conteúdo em áudio) e de aplicativos de imagem que oportunizam aos educuidos produzir conteúdos críticos, partindo de suas vivências, ampliando assim o debate das causas atuais e o empoderamento de suas vozes em meio à pandemia (BRITO; SENRA; LUIZ, 2020).

O professor também tem a oportunidade de desenvolver projetos com os estudantes e estimular a autonomia e o protagonismo dos educuidos e os alunos passam a utilizar a tecnologia que têm em mãos como uma aliada para a construção do processo midiático. De acordo com Soares (2014), para que ecossistemas comunicativos sejam criados, faz-se necessário uma pedagogia de projetos voltados para o diálogo educuidativo, contribuindo no desenvolvimento do pensamento crítico das novas gerações com relação aos meios de comunicação, e ao mesmo tempo promovendo sua própria forma de expressão.

Em virtude das transformações causadas pela tecnologia, o processo de midiáticação afirmou-se na sociedade global como um objeto fundamental para o trabalho dos pesquisadores que atuam na área da comunicação (GOMES, 2016).

Raddatz e Massmann (2009) corroboram as contribuições da educomunicação através do Projeto Rádio, Tecnologias e Empreendedorismo na Escola, denotando a importância dessa ação educuidativa para a capacitação de estudantes e professores de escolas públicas e afins, no intuito de compreender os processos de comunicação e de transformação tecnológica na sociedade. As pesquisadores destacam que o projeto oportuniza o desenvolvimento de redes, trocas de informações e novas formas de acesso, construção e compartilhamento de conhecimento.

O projeto interdisciplinar “Nossa Vida, Nossa Vila”, desenvolvido em uma escola da rede pública municipal da região central do Rio Grande do Sul também é outro exemplo de prática educacional no ambiente escolar. Ao realizar este trabalho, as pesquisadoras tiveram a oportunidade de (re) significar suas atuações docentes à luz do conhecimento científico no campo da educação e os resultados obtidos mostraram-se de grande valia, podendo servir de inspiração para outras ações em espaços educativos tanto na educação escolar como não escolar, em ambientes formais ou informais (COSTA; GHISLENI; CARLESSO, 2020).

O artigo intitulado “Educomunicação e interculturalidade como propostas para acolhida, adaptação e integração de crianças imigrantes no ambiente escolar” apresenta a educação em uma abordagem intercultural, em que a pesquisa-ação conduzida neste estudo objetivava auxiliar professores da rede municipal da cidade de São Paulo sobre a temática acolhida, adaptação e integração de crianças imigrantes (oriundas em sua maioria da Bolívia, Haiti e Venezuela), as atividades formativas incluíam ações educacionais com ênfase em blogs e redes sociais (ESCUADERO, 2021).

No sentido de contribuir para a formação dos educadores durante a pandemia, a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educação (ABPEducom) organizou no ano de 2020 uma série de *lives* e *webnários* sobre educação e eixos temáticos relacionados com a prática educacional, em que o formato virtual permitiu a participação de pessoas de todas as regiões do Brasil (SILVA; PRANDINI, 2020).

Diante de um rol de perspectivas e aplicações, o conceito de educação “possibilita diversas técnicas, métodos e modos de fazer educação comunicando e a comunicar educando. Não possui rótulos ou modelo cristalizado e, nestes aspectos, está sua vasta aplicabilidade” (MORAES et al., 2021, p. 19).

As ferramentas educacionais na escola em meio à pandemia de Covid-19

A educação integra as práticas educativas ao estudo sistemático dos sistemas comunicacionais. Isso resulta na criação e no fortalecimento de ecossistemas comunicativos, no qual o discente assume a função de estabelecer o elo entre escola e comunidade, com a construção de ambientes dialógicos e democráticos. Para Soares (2014), trata-se do campo de estudo que analisa as mudanças cotidianas decorrentes das inovações tecnológicas nas ferramentas de informação utilizadas no processo educativo, seja presencial ou a distância.

A educação é um paradigma norteador que permite a participação reflexiva entre discentes e docentes, “um desafio complexo, político, cultural e socioeconômico, mas que começa com a comunicação e educação” (GÓMEZ, 2014, p. 33). A educação midiática deve estar relacionada à cultura digital, pois os usuários, ao exercer o papel de comunicador, devem ser capazes de refletir para utilizar as ferramentas digitais de forma responsável.

Oliveira e Ghisleni (2021, p. 280) afirmam que os ecossistemas educacionais promovem a cidadania e, conseqüentemente, a evolução do ensino-aprendizagem, em que “o conhecimento não pode ser entendido apenas como algo a ser transmitido pelos educadores aos educandos, mas sim algo a ser construído”.

Conforme Bueno e Gomes (2011), a educação **não está relacionada apenas aos recursos** internet, mas no pensar em como *fazer educação*. Dentre as ferramentas digitais, destacam-se as redes sociais, blogs educativos, produção de *podcasts*, quadrinhos, sites de

streaming, chats, aplicativos de gamificação, sites de pesquisa, fóruns, fanzine, plataformas para chamada de vídeo, que permitem até mesmo a realização de aulas síncronas, simulando o ambiente de sala de aula presencial no formato virtual.

No caso do fanzine, um recurso já presente nas aulas com proposta educacional e que permite a produção seja em materiais físicos como online, por meio de softwares de edições ou aplicativos e sites. Para Zauith, Davanço e Barbieri (2019, p. 57) “o fanzine propõe uma mudança do processo de comunicação tradicional, com produtores do processo produtivo, não somente como receptores de mensagens”, permitindo a filosofia da cultura *maker* ou *hand on*, na qual o discente produzirá algum material utilizando o conhecimento aprendido em sala de aula como referência.

Outra ferramenta é a gamificação, já utilizada no meio escolar com o auxílio de dispositivos físicos em sala de aulas, como jogos de tabuleiro, letreiros etc., mas que se faz necessário no meio digital, como forma de atrair a atenção do aluno. Costa (2016) define a utilização dos games como facilitador dos processos dialógicos direcionados e de retorno direto, já que todos os atos e ações resultam em *feedbacks*, ao utilizar estruturas imagéticas, identificando os acertos ou não do discente, permitindo um ambiente similar ao das redes sociais, por meio do compartilhamento de informações.

Entretanto, o Brasil ainda está longe de ser um país com condições igualitárias de acesso digital à população, conforme uma pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), que apontou que os usuários de internet no país dobraram na última década. Em 2019, havia 127 milhões de usuários da rede, correspondendo a 74% da população brasileira. Segundo a pesquisa, a proporção não atendida concentra-se em áreas rurais, representada por indivíduos com menor renda e escolaridade, e os mais velhos. Esclarece, ainda, que a desigualdade ao acesso relaciona-se à qualidade de conexão de *wi-fi* nos domicílios, já que a maioria dos dispositivos utilizam essa internet, seja por meio de computadores, *smartphones* ou outros dispositivos (CETIC-BR; NIC-BR; CGI-BR, 2020, p. 8).

Diante desta realidade, “cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os muitos procedimentos metodológicos, mas também é importante que amplie, que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/ telemáticas” (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2013, p. 32).

Desafios pedagógicos relacionados às tecnologias digitais na pandemia de Covid-19

O avanço tecnológico na sociedade contemporânea ampliou o processo comunicativo por meio dos recursos eletrônicos, abrindo espaço para os interrelacionamentos comunicacionais, bem como os processos midiáticos, provocando também uma mudança social e conseqüentemente, propiciando uma nova realidade virtual (GOMES, 2016). Embora os elementos tecnológicos e recursos midiáticos sejam intrínsecos às novas gerações, eles são sistematicamente silenciados nos espaços formais de educação. São considerados exceções os educadores que trabalham com os meios de comunicação na escola de um modo amplo e não unidirecional, dando voz aos estudantes e fazendo uma abordagem crítica dos conteúdos (ROSSETO, 2015).

Todavia, essa barreira precisou ser superada, uma vez que as medidas emergenciais no combate a pandemia forçaram os educadores a repensarem suas práticas educacionais e a questionar a visão pejorativa que infelizmente muitos profissionais da Educação têm a respeito do uso dos recursos tecnológicos no ambiente escolar.

Apesar dos avanços já mencionados, desenvolver ações pedagógicas no ensino escolar, na perspectiva da educomunicação, ainda se mostra um grande desafio, pois há a necessidade de estabelecer um espaço comunicativo democrático, rompendo com o modelo educacional vigente, verticalista e autoritário (COSTA; GHISLENI; CARLESSO, 2020). Outro desafio a ser superado é a infraestrutura inadequada em que, por vezes, a falta de acesso às tecnologias dificulta a ampliação das práticas educacionais no ambiente virtual (BRITO; SENRA; LUIZ, 2020).

Na interseção entre Educação e Comunicação, tais pesquisadores preconizam que, na formação docente o processo comunicativo (mídias, tecnologias e linguagens) seja estudado, praticado e aprimorado pelo prisma de uma relação emancipadora com as mídias (CORTES; MARTINS; SOUZA, 2018, p. 12).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), aborda sobre as tecnologias digitais e o traça o perfil dos novos estudantes, os chamados “nativos digitais”, e busca implementar as dez competências gerais da Educação Básica, com o objetivo de estimular os estudantes a interagir nos espaços digitais dentro da cultura digital e suas variadas linguagens, dentre outros aspectos (BNCC, 2017).

Martín-Barbero (2014), afirma que essa realidade desenvolvida pela tecnologia e pelo uso das mídias apresenta um novo tipo de cidadão, que sofre com fortes influências do mundo digital, e por conta disso, apresenta novas necessidades, desafiando o modelo educacional tradicional, da formação docente, da educação e do uso de bens, das tecnologias em sala de aula, indicando um novo aporte para a comunidade escolar, apontando para uma nova forma de aprendizagem. Nesse sentido, o processo formativo dos professores e de gestores com relação ao uso e a implantação das mídias (de um modo eficiente) no ambiente escolar deve ser uma tarefa contínua.

Considerações finais

Esse estudo proporcionou uma visão ampla acerca da importância que tem a educomunicação e as tecnologias digitais no âmbito escolar, tanto em contextos passados quanto no atual cenário de pandemia, principalmente. É fato que, com as demandas e restrições colocadas pelos órgãos de saúde em diversas instâncias, a solução provisória tomadas pelas maior parte das escolas foi adotar o ensino remoto como formato para continuar a exercer suas atividades e para dar prosseguimento às aulas.

Sabe-se o quanto as ferramentas tecnológicas e midiáticas podem potencializar e ajudar na prática docente, uma vez que o professor pode utilizar metodologias diversificadas para captar a atenção do aluno e estimular ao desenvolvimento de competências e habilidades. Em um período como este, o ensino deve partir de uma nova perspectiva, muitas das vezes negligenciada na sala de aula, trazendo para o processo de ensino-aprendizagem as vivências dos alunos, a maneira como interagem com a realidade em que vivem e principalmente na reflexão exercida individual e coletivamente.

Apesar das restrições presenciais, muitas formas de ensinar podem ser inovadas e permitidas para que o ensino possa ser ofertado com qualidade aos alunos. É nesse sentido que a educomunicação no contexto escolar torna-se essencial ao estabelecimento deste ensino. Entretanto, o que se pode verificar, a partir deste estudo, foi que embora tais avanços tecnológicos fossem possíveis no ensino e estejam a dispor das escolas, muitos obstáculos emergem a partir disto.

O acesso é, em muitos casos, um dos grandes desafios nesse panorama do ensino digital e midiático, limitando os estudantes a estarem em contato com o que é repassado nas escolas, impactando diretamente nas formas de estudar, de interagir e de se atualizar perante as mudanças e as transformações do mundo globalizado. Outro desafio levantado nesse estudo se deu através do despreparo de muitos profissionais, em especial professores, sobre o domínio dessas ferramentas tecnológicas no ensino, dificultando o surgimento de novas estratégias e na autonomia do professor nesse processo.

Através deste estudo, evidencia-se que ainda é um momento delicado e de transição para muitas escolas quando se trata de adequação a este novo formato de aulas, mas apesar disso, não se nega o potencial que a educomunicação, quando bem implementada pelas escolas pode aperfeiçoar e impulsionar o ensino, mesmo em cenários como este. Portanto, espera-se que, através deste estudo, outras pesquisas e questionamentos possam ser levantados acerca da necessidade e da importância da educomunicação e das tecnologias digitais no ensino como forma de proporcionar mais qualidade ao ensino básico.

Referências

AGUADED, Ignácio; LÓPEZ, Pablo Maraver; ALIAÑO, Angel Mojarro. Por uma nova Educação: experiências formativas com tecnologias e recursos para a educomunicação. In: ORTIZ, Felipe Chibás; SANTOS, Fernando de Almeida Santos (Org.). *Gestão da Educação a Distância. Comunicação, Desafios e Estratégias*. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (Org.). *Ensino Híbrido. Personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BEHAR, Patrícia Alejandra. *O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância*. *Jornal da Universidade*, 6 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. *Decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017*. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm. Acesso em 21 mar. 2021.

BRITO, Marcela Cristiane Ribeiro; SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitoza; LUIZ, Thiago Cury. Educação na pandemia. *Anais VII CONEDU - Edição Online...* Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68482>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BUENO, José Lucas Pedreira; GOMES, Marco Antônio de Oliveira. Uma análise Histórico-crítica da formação de Professores com tecnologias de informação e comunicação. *Revista Cocar Belém*, vol. 5, n. 53, 2011.

CETIC-BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação; NIC-BR, Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto; CGI-BR, Comitê Gestor da Internet no Brasil. *Painel TIC COVID-19: pesquisa sobre o uso da internet no Brasil durante a pandemia do novo Coronavírus*. 1a. ed., ago. 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel_tic_covid19_1edicao_livro%20eIetr%C3%B4nico.pdf. Acesso em: 05 mar. 2021.

CORTES, Tansse Paes Bóvio Barcelos; MARTINS, Analice de Oliveira; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases Scielo e Scopus. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 34, e200391, 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100183&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 mar. 2021.

COSTA, Douglas Geraldo. *Tecnologias digitais da informação e comunicação aplicadas à educação: análise pedagógica de jogos digitais*. Dissertação de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFVJM. 187 f. 2016.

COSTA, Sandra Beatriz Silva da; GHISLENI, Taís Steffanello; CARLESSO, Janaína Pereira Pretto. Educomunicação na escola: narrativa de uma experiência pedagógica. *Disciplinarum Scientia*. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 21, n. 1, p. 25-34, 2020.

DEMO, Pedro. *Educação hoje: "novas" tecnologias, pressões e oportunidades*. São Paulo: Atlas, 2009.

ESCUADERO, Camila. Educomunicação e interculturalidade como propostas para acolhida, adaptação e integração de crianças imigrantes no ambiente escolar. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, ano 11, n.20, p.219-235, março 2021.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 4. ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GÓMES, Guillermo Orozco. *Educomunicação: Recepção midiática, aprendizagem e cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2014.

GOMES, Pedro Gilberto. Miatização: um conceito, múltiplas vozes. *Rev Famecos (Online)*. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

HACK, Josias Ricardo. *Introdução à educação à distância*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

IFCE. *Orientações pedagógicas para atividades remotas de ensino remoto*. Disponível em: https://ifce.edu.br/aracati/arquivosdiversos/copy_of_OrientacoesparaasatividadesdeEnsinoRemoto.pdf. Acesso em: 25 mar 2021.

IFPR. *Ead, ensino híbrido e ensino remoto emergencial: perspectivas metodológicas*. Disponível em: <https://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/09/EaD-Ensino-Hibrido-e-Ensino-Didatico-Emergencial.pdf>. Acesso em: 25 mar 2021.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *A comunicação na Educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAES, Cláudia Herte de, et al. Educomunicação em tempos de crise: adaptação de projetos no apoio ao ensino remoto. *Revista Expressa Extensão*, Pelotas, v. 26, n. 1, p. 17-30, Jan-Abr, 2021.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, Solange. *Novas Tecnologias digitais: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento*. Curitiba: CRV, 2017, p. 23-35.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

NEVES, Miranilde Oliveira. A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência. *Revista Fundamentos*. v.2, n.1, 2015.

OLIVEIRA, Cristiano de Souza; GHISLENI, Taís Steffanello. Educomunicação: contribuição ao ensino e aprendizagem. *Disciplinarum Scientia*. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 21, n.2, p. 277-295, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/3651/2712>. Acesso em: 26 mar. 2021.

PRETI, Oreste. *Educação a distância: fundamentos e políticas*/Oreste Preti. Cuiabá: Ed. EdUFMT, 2009.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MASSMANN, Vanessa Laís Mallmann. Rádio na escola: comunicação e educação para a cidadania. *Extensão em Foco*, [S.l.], n. 4, dec. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/24879>. Acesso em: 04 mar. 2021.

ROSSETO, Larissa Fernanda Domingues. Mídia e a escola: proposta de uso das mídias em suportes digitais no ensino formal. In: *X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã UNESP/FAAC*. Bauru-SP, 22-24 de abril de 2015.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Mauricio; PRANDINI, Paola Diniz. Educomunicação em tempos de COVID-19: um panorama acerca das lives da ABPEducom. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10 de Dezembro de 2020*.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. In: APARICI, Roberto (org.) *Educomunicação: para além do 2.0*. 3ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

YOSHIDA, Sorais. Quebra de padrões, modelos de ensino híbrido e as heranças da pandemia para a Educação. *Revista Nova Escola*. 2020. Disponível em: <https://url.gratis/Xehav>. Acesso em: 26 mar 2021.

ZAUITH, Gabriella; DAVANÇO, Ângelo Rogério; BARBIERI, Marisa Ramos. Oficina de fanzine: práticas de educomunicação com alunos da Casa da Ciência. *Comunicação & Educação*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 56-68, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i1p56-68. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/150423>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Recebido em: 04/07/2021

Aceito em: 14/12/2021